



cta correios

TAXA PAGA
PORTUGAL

CONTRATO: 536425

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL

PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL

DE00602013CE



Quinzenário • 6 de Abril de 2013 • Ano LXX • N.º 1802 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

MAIS uma vez nos foi dado participar nos acontecimentos da Paixão e Morte de Jesus. Entrar no Seu mundo, onde o nosso recebe luz para melhor se compreender e assumir. Mas também onde se descobrem novas dúvidas na nossa existência que, por outras já passadas, sabemos que também estas encontrarão resposta.

Cristo é o Pobre dos Pobres. A vida dos Pobres é uma vida sofrida; também a daqueles que se fazem deles. Suaviza-se com o amparo de um qualquer cireneu, pequenos alentos que mantêm o rumo da vida para que não se quebre.

Uma mulher, conhecida já há muito tempo, voltou, após um interregno, à nossa procura, desalentada e chorosa. O marido, desempregado, foi-se para terras de França, pelo Natal, em busca de sustento para a família. Deixou-a por cá,

mais aos três filhos, e não mais deu sinal de vida. Ela, pouco depois, perdeu o trabalho que lhe dava para sustentar a renda da casa, a que se juntavam os abonos e um magro RSI. Este, agora, de magro passou a magríssimo, não chegando à dezena de euros mensais. Tem os abonos e mais nada. Procurou que lhe dessem aumento de RSI mas, disseram-lhe, só se desfizesse a união familiar pela separação judicial com o marido.

O filho mais velho disse-lhe logo que não fizesse isso. Ela também não quer, mas como ter dinheiro para criar os filhos? Como se pode querer ajudar a construir a vida, destruindo-a? Lei cega!

Ajudamo-la para o mês de renda que se tinha vencido. Um pequeno amparo. Regressou a casa renovada de forças. A unidade mantém-se. Preservá-la é garantia de vitória.



O caminho das maiores e verdadeiras riquezas

O dinheiro só tem valor quando se transforma em força para a vida. Seja muito ou seja pouco. Quando para satisfazer caprichos, é força que destrói e mata.

Outra mulher veio até nós, sem saber muito bem o que pedir. Entre as várias dificuldades da família, descobrimos uma dívida de mercearia, contraída no tempo recente das ilu-

sões, pela qual um advogado os ameaçava com a via judicial. À dívida somavam-se juros, de modo que esta família iria ter de carregá-la por longos anos, abatendo-a com mensalidades.

Habituada a preocupar-se só com o presente, não tinha consciência do problema em que estava metida, pedindo para outras necessidades. Centrei-as nesta dívida, e propus-lhe fazer-

mos a liquidação de metade ficando a outra parte para ela abater mensalmente, mas com a condição de não haver juros. Falando com o credor, tivemos a sua concordância, e o advogado fez novo termo de dívida.

Neste caso, como noutros, ficamos com a impressão de que os problemas nunca serão dirimidos, pois estas famílias carecem de uma consciência clara sobre a realidade da vida. Não há dinheiro que lhes resolva os problemas que eles e outros lhes criam. O dinheiro, por si só, nada resolve quando falta o senso das realidades.

Os Pobres são um fardo para muitos, um peso que não desejam carregar; mas para outros, são a chave e o segredo que abre as portas do caminho que conduz à vida. O Pobre, na Sua Paixão e Morte, abre-nos o caminho das maiores e verdadeiras riquezas, tesouros que vamos acumulando no desenrolar da nossa vida quotidiana, servindo-O neles. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

À procura do Jardineiro

O medo do vazio no trânsito doloroso é uma ameaça da nossa condição de peregrinos, que a qualquer momento somos desapegados de construir na circunstância que nos é dado viver. É uma lei inexorável de toda a criatura humana, com momentos prenhes de solidão.

Tal como os filhos de Israel passaram pelo deserto para a terra prometida, também Jesus permaneceu nessa aridez dias e horas, até depois da multiplicação dos pães: *retirou-Se, sozinho, para o monte.*

Na subida para o monte das oliveiras, deixando o convívio com os Seus amigos, preparou-os para o serviço, lavando-lhes os pés, e para a amargura dessa separação voluntária, cujo Sacrifício era necessário para a libertação da escravidão humana. Contudo, no inevitável crisol da Cruz há continuidade da Sua Pessoa.

Como entender que tanta gente não pare de chorar nas suas lamentações de solidão e privação? E reconhecê-IO assim como

Maria Madalena? Afinal, supondo que era o jardineiro, que cuidava do horto, era o próprio Senhor, do qual escutou: *Porque choras e Quem procuras?* A Ressurreição de Cristo é um acontecimento em que a pessoa humana é chamada a participar. Como O encontrar nessa vida nova?

Nestes dias quaresmais, sulcando uma pedagogia de crescimento de vários filhos desgarrados da união familiar, em contacto mais directo com a realidade criatural, entre outras ocupações quotidianas, distribuíram-se diversas tarefas, como arrancar ervas ruins para se aprender fazendo. Enquanto a alguns garotos foram destinadas mantas de talhões de grama, a outros deram-se eitos na bordadura dos relvados, em que se plantaram aloés. Dessa empreitada, ficaram rimas de infestantes para secar e até estrumar a terra.

No sítio em que Jesus foi crucificado havia um jardim e foi aí que O procuraram. Pode ser determinante na cegueira humana a desatenção aos *sinais dos tem-*

pos, pelos escolhos que possam estorvar a esperança no desenvolvimento das criaturas. Com a chuva persistente sobre todo o tipo de verdura, muitas pétalas de camélias não se têm aguentado e vão caindo nos canteiros de relva. Dois cachopitos, o Malam e o Aliú, estavam a baixar os braços nessa recolha, se não fossem encorajados. O ânimo humano, em certos momentos, desfalece, quando o serviço é mais áspero. Mais, é difícil o ser humano libertar-se do malévol e do supérfluo. A experiência quotidiana diz-nos que somos seduzidos por múltiplas contingências, enquanto há pessoas privadas do essencial para viver.

Um pai, muito aflito, de um menino enfermo, que vimos num cubículo e de lágrimas no rosto, cilindrou-nos: — *Estou desempregado e sem condições. Ajude-nos...* Não faltam, nos jardins por onde passamos e até pisamos, plantas frágeis e folhas e flores caídas, a cuidar e a colher, ajudando e participando assim na sublime missão do Jardineiro, cujo Rosto pode aparecer desfigurado e inesperado...

Nesta Primavera húmida, próximo dos jardins onde os miúdos

SETÚBAL

Padre Acílio

Um Papa novo

AQUELA **boa tarde**, como primeira palavra dirigida à multidão, que aguardava o Papa para ver a sua figura, e ao mundo inteiro, ali ligado pelos media, pareceu-me incensar a Humanidade.

Já a coragem e o despojamento de Bento XVI me haviam adoçado a alma; mas, agora, aquela inesperada e espontânea **boa tarde** ter-se-á gravado em mim, para toda a vida, com um perfume e uma afectividade inapagáveis.

Pareceu-me ouvir Pai Américo, respondendo a um inquérito minucioso e inútil, da CARITAS do seu tempo, sobre o destino dado aos alimentos entregues à Casa do Gaiato: — **Comemos tudo.** — Repliquou aquele Amigo dos Pobres.

Boa tarde foi uma cápsula de milhares de discursos que lhe saiu do coração e consolou a todos.

Os seus gestos como homem de Deus e homem dos homens, têm já o valor de muitas encíclicas e o condão de abrir os corações mais empedernidos.

O Papa não faz teatro, mas deixa-se levar pelo coração iluminado por Cristo.

Tem atrás de si um longo caminho de vida pobre e o coração ferido pela tragédia humana que os martiriza. Aqueles bairros infundáveis de barracas onde vivem milhões de seres humanos, nos arredores de Buenos Aires, que ele visitou ao longo de décadas, aumentaram o seu amor a Cristo pobre e crucificado e criaram nele uma forte barreira contra o farisaísmo, a corrupção e a mentira.

Não foi a formação académica e teológica somente que o fortaleceu, mas sobretudo o seu convívio com a pobreza real dos seus irmãos. Se Ele vivia num simples apartamento confeccionando a sua comida, era porque trazia **fogo** dentro de si, ateado pela oração “*de que tanto gosta*” e alimentado pelo contacto permanente com as dores, a exploração e o desprezo a que são votados os mais empobrecidos.

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO Alunos do Alternativo

CATEQUESE — A nossa Casa conta ainda com a colaboração de outra Catequista, a Madalena, que vem ao Domingo de tarde ajudar na Catequese, orientando um grupo de Rapazes a caminhar na Fé.

RECONCILIAÇÃO — Como vem acontecendo, sempre que possível, vários Rapazes deslocaram-se ao Santuário de Fátima, a 13 de Março, para se confessarem nesta Quaresma. A 25 de Março, na Semana Santa, o Sr. Padre Rolando veio apresentar-nos os passos de Jesus Cristo, a Via Sacra.

DOMINGO DE RAMOS — Neste dia, na nossa Capela, foram ben-zidos ramos das nossas oliveiras e escutámos a leitura da Paixão do Senhor, na Eucaristia. Quando Jesus foi para Jerusalém, num jumentinho, as crianças aclamaram-n’O. Feliz Páscoa para todos!

FÉRIAS ESCOLARES — Nas férias da Páscoa, os Rapazes que fre-quentam as várias escolas, aproveitaram para fazer os trabalhos de casa com os nossos Professores Destacados. Dedicámo-nos às tarefas domésticas, da agropecuária e jardinagem. Nos recreios, jogámos mais à bola.

AGROPECUÁRIA — Arrancámos ervas nos arruamentos, nos jardins e na horta, e cortámo-las no campo grande. Descarolámos também mais espigas do nosso milho. O pomar foi fresado e já se vêem árvores de fruto a florir. Tirámos os estrumes das cortes e tratámos o gado. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA Américo Mendes

O PAPA FRANCISCO E O PAI AMÉRICO — É esta a nossa primeira crónica depois da eleição do Papa Francisco. Numa coluna como esta, tal facto não poderia passar sem uma nota de muito júbilo e de agradecimento a Deus por ter tão bem iluminado as deliberações de quem o elegeu. A Igreja perdeu-se sempre quando procurou a riqueza e o poder e cresceu sempre quando seguiu o caminho da opção preferencial pelos Pobres.

Sendo constituída por seres humanos para quem a riqueza e o poder são tentações permanentes, esses caminhos errados da Igreja também têm estado sempre presentes na sua vida, mas também, em todos os tempos, tem havido os que, pelo exemplo das suas vidas e pela sua palavra, vão apontando o cami-nho certo. O nosso Pai Américo foi um caso. Agora temos o Papa Francisco a chamar-nos a todos para esses caminhos da opção preferencial pelos Pobres. Tal como ele, também o Pai Américo escolheu S. Francisco de Assis como referên-cia, colocando a sua imagem na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Embora os títulos de Beato e de Santo não sejam coisa de extrema impor-tância, eles contam na sua força simbólica de chamar-nos a atenção para os exemplos de vida das pessoas a quem são atribuídos. Isto vem a propósito da esperança de que, com o Papa Francisco, o Processo de Beatificação do Pai Américo possa chegar a bom termo. Este País que também se tem perdido porque há por aí, dentro e fora da Igreja, quem queira mais a riqueza e o poder do que o bem do próximo, precisa que sejam permanentemente recordados exemplos de vida vivida toda em favor dos Pobres, como foi a do nosso Pai Américo. Pode ser que o Papa Francisco venha a dar aqui uma ajudinha, nesta causa que precisa de ser bem sucedida nos tempos que correm.

Votos de uma Santa Páscoa para todos os nossos queridos Leitores.

O nosso NIB: 004513424003543534043

Os nossos contactos: Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE Maurício Mendes

PASSEIO — Já está escolhido o local do 5.º passeio da Associação. No próximo dia 5 de Maio (Domingo), rumaremos ao Norte de Portugal, em direc-ção ao museu de Vila Nova de Foz Côa, da parte da manhã. Mas o objectivo final da nossa visita, será conviver com os “nossos” Padres Abel e Moura, em Riodades, apesar de já não estarem ao serviço da Obra da Rua, estarão sempre nos nossos corações, pois doaram uma parte importante das suas vidas, a fazer dos gaiatos, homens com futuro, que se faz presente nesta hora, para agrade-cer o exemplo e a coragem generosa destes dois padres que, espiritualmente, hão-de ser sempre da Obra da Rua. Daremos notícias mais pormenorizadas do programa do passeio nas próximas edições d’O GAIATO.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — Temos como objectivo atingir, o mais rapidamente possível, a meta dos 500 associados. Apelamos, mais uma vez, aos antigos gaiatos que se reinscrevam na Associação. Agradecemos a amabilidade de muitos associados que já estão a efectuar o pagamento anteci-pado das quotas para o ano de 2013.

ACTIVIDADES — A sede da Associação continua com a sua actividade regular, estando de portas abertas, especialmente aos Domingos, para quem nos queira visitar e “matar” saudades. Temos também as aulas musicais e de pintura às sextas e sábados, de tarde. □



PAÇO DE SOUSA

RAPAZ NOVO — Chegou à nossa Casa um rapaz chamado Mar-colino. É mais um rapaz guineense que é primo dos nossos Inalieu e Gibril. Veio de Lisboa e gosta muito de jogar futebol, pelo que será um reforço para a nossa equipa.

FORMAÇÃO — No passado dia 16, veio da Escola de Ciências da Saúde da Universidade do Minho, o Prof. Nuno, ensinar-nos como fun-ciona o nosso cérebro. Ficamos a saber como está dividido o cérebro, e que cada parte tem uma função. É assim como tudo na vida, também cada pes-soa tem a sua função. Depois, fui com o Rui e o Mário, acompanhados com a Prof.ª Isabel, visitar os laboratórios da Universidade e ver as experiências que lá fazem com animais.

SEMANA SANTA — Na nossa Capela celebrámos a Semana Santa, que começou com o Domingo de Ramos. Como é tradição na Quinta-feira Santa, os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus vieram participar na nossa celebração da Ceia do Senhor e jantar connosco. Na Sexta-feira Santa realizámos a Via-Sacra e a Celebração da Paixão do Senhor. A Vigília Pascal foi cele-

brada como é habitual. Para o almoço do nosso dia de Páscoa tivemos uma vitela criada na nossa vacaria.

PASSEIO — No passado dia 20, fizemos uma visita a Fátima, como é habitual uma vez por ano. Almo-çámos nos Valinhos a refeição que trouxemos de Casa. De seguida, visitámos o Calvário, e pelo cami-nho encontrámos as estações da Via-Sacra. Depois de uma visita às casas dos Pastorinhos e ao Santuário, seguimos viagem de regresso, pas-sando pela nossa Casa de Miranda do Corvo, onde não perdemos a oportu-nidade de jogar uma futebolada.

Bruno Alexandre

DESPORTO — Mais um jogo fora de Casa. Chegámos a Custóias cedo. Tinha acabado um jogo entre Custóias e Infesta; assistimos ao Cus-tóias - Leixões e, por fim, foi a nossa vez de entrar em cena para o Custóias vs Casa do Gaiato. Fomos muito bem recebidos, eu diria mesmo: excelen-temente bem recebidos.

Em relação ao jogo, apesar de ter-mos entrado bem, não conseguimos a vitória. Desta vez, a sorte não quis nada com os nossos Rapazes. Traba-lharam bem, mas não conseguiram

o objectivo. Estava tudo ao nosso alcance, mas a pouca sorte e o falhar golos com a baliza completamente à nossa mercê, foram os pontos fracos de quem quer e não consegue... Esti-vemos a ganhar por 2-0, podíamos ter feito mais dois ou três golos nos primeiros 45 minutos, mas foi preci-samente ao cair do pano da primeira parte que o nosso defesa-central fez um autogolo e viemos para as cabi-nes com um magro 1-2.

Na segunda metade, o Custóias, depois de ouvir «sermão e missa cantada» — se ouviu! — pelos seus responsáveis, entraram mais fortes e senhores da situação. Logo no início fizeram 2-2, pouco depois, 3-2; e, o 4-2, não demorou muito. Os nos-sos rapazes começaram a sentir que pouco ou nada já podiam fazer, mas mesmo assim, a 5 minutos do fim, o nosso ponta-de-lança conseguiu reduzir para 4-3, resultado final. Este ano está a ser o ano menos bom do nosso Grupo Desportivo. Fal-tam «ovos» para fazer «omeletes»; falta, algumas vezes, personalidade e garra; falta, sobretudo, vontade de arregaçarmos as mangas e lutarmos de igual para igual. Alguns, parece que já nasceram cansados!

Alberto («Resende»)

SETÚBAL Padre Acílio

Continuação da página 1

Este é um Papa novo porque bebe directamente do Evangelho sem usar filtros de conveniên-cias eclesiásticas, diplomáticas ou políticas. É simples como as pombas e também será prudente como as serpentes.

Os seus caminhos são seguros e claros como os do Senhor Jesus; São Pedro, que morreu crucifi-cado; S. Francisco, que abraçou os Pobres e cantou a beleza da Criação.

A sua forma de pregar a Palavra de Deus vai ser mais pelo exem-plo das suas opções e gestos do que pela eloquência, brilho literá-rio ou profundidade Teológica.

A Obra da Rua, deve pôr n’Ele, de forma atenta e afectiva, os seus olhos e continuar este caminho de proximidade com os pobres e

seus filhos, sofrendo com eles e com as suas dores e deficiências físicas, morais, religiosas e afec-tivas, sem medo, até ao “**desgaste final**”.

Deixemos que outros entrem no esquema oficial da assistência, com as suas regras e exigências formais. O povo que nos apoia comungou sempre connosco naquele amor aos Pobres que agora brilha, com mais fulgor no Bispo de Roma.

A igreja Nova rejubila com esta forma sempre fresca, como antiga, de anunciar a Fé, com **Obras e Verdade**.

Quando o Papa pede aos Bis-pos, aos sacerdotes e aos fiéis da Argentina que não venham a Roma, à missa inaugural do seu Pontificado, mas dêem o tempo e o dinheiro das viagens e estadia

aos pobres que os rodeiam, anun-cia um Evangelho pregado pelo Pai Américo, por O GAIATO e por um pequenino rebanho do Senhor e ignorado por algumas esferas eclesiásticas.

Não encontrei ainda ninguém que não goste do Papa, como nin-guém, em Portugal, que conhe-cendo o Padre Américo e não simpatize com ele. E Porquê? Por esta paixão pelos mais fracos e marginalizados.

Muita gente se queixa dos padres novos, às vezes com razão, outras, sem ela. Se ninguém leva os seminaristas ou os universitá-rios aos Pobres!... Como hão-de eles aprender o caminho? Como? Não é levando-os a Roma que se sentirão atraídos por este ideal!...

Se os clérigos licenciados e



MALANJE

Padre Rafael

Eu também não te condeno...

DURANTE muitos anos disseram-nos que em cada família não pode faltar um carro. Assim, durante os últimos vinte anos dedicámo-nos a construir e a aperfeiçoar os carros, melhorando as suas prestações. Para alcançar este objectivo, abriram-se mercados que facilitaram a colaboração entre as nações. Após estes vinte anos, conseguimos possuir o tão ambicionado carro por família. O problema põe-se quando entramos nele e nos perguntamos: Onde vamos?... e ninguém sabe responder-nos. Neste momento, estamos há mais de cinco anos em crise e perguntamo-nos: Quando terminará tudo isto e quem é responsável?...

Aqui, nesta pequena Aldeia, que é a Casa do Gaiato de Malanje, não nos cansamos de repetir que o que não pode faltar a uma família, é o amor, a fraternidade, o perdão, o diálogo, a responsabi-

lidade... mas, infelizmente, não são materiais. Por isso, exigem grande esforço e sacrifício para que se tornem visíveis.

Este fim-de-semana, um grupo de Rapazes foi castigado a fabricar, no sábado, trezentos blocos de cimento, por não ter feito a limpeza do dormitório. Como os não fizeram bem, no Domingo repetiram o castigo. Mais, tiveram que carregar a areia para os fazer. Novamente, ficaram mal feitos. Obviamente, fiquei muito triste com os chefes, pois para além do castigo não ser cumprido, a nossa Casa sofreu o prejuízo do cimento utilizado.

Depois de os repreender, verbalmente, e de lhes fazer ver o negativo da sua atitude, foram castigados a carregar areia, durante três semanas, a oito quilómetros de Casa.

Todos os dias saem às cinco da manhã e regressam às sete, para

se incorporarem nos seus respectivos trabalhos. Já passou a primeira semana.

Para além dos castigados, há os «castigados inocentes», que são o chefe que os acompanha e o condutor do tractor. Deste modo, ao ver que outros sofrem um castigo sem o merecer, queremos que os verdadeiros responsáveis vejam como o mal que fazemos afecta, sempre, outros.

Outro dia, quando levávamos os trabalhadores à cidade, um Rapaz pediu que comprasse um pouco de mandioca e amendoins para a merenda dos ocupantes do mini-autocarro. Disse-lhe que não tinha dinheiro. Mais adiante, pediu que parasse junto à padaria das Irmãs e comprou pão para todos. Perguntei-lhe onde havia arranjado o dinheiro. Respondeu que era da “gorjeta” que recebera no Domingo e que tinha guardado. □

VINDE VER!

Padre Quim

Deus vive sempre entre os homens

PARA surpreender o mundo das convicções em que se prendeu, quer nas injustiças das próprias estruturas quer na brutalidade com que marginaliza e oprime os mais fracos, desprovidos de oportunidades, de voz e de vez, Nasceu, há mais de dois mil anos, o Salvador do mundo, cujo reinado teve o seu apogeu *no trono* da Cruz.

Os grandes não quiseram ouvir as aclamações da multidão ao novo Rei da linhagem de David. O mundo manda calar os que incomodam. Os pobres, os doentes e os inválidos são vítimas muito próximas da Paixão de Cristo. O Mestre do serviço e da humildade apontou o caminho a percorrer: — Nele estão os que sofrem, os que choram as amarguras das quedas, gente com fome e frio, doentes desabrigados, o luto, a traição ou a solidão. Jesus aí está. Vive e sofre entre nós. Quando um inocente é condenado e executado, a sociedade revela a instabilidade da Justiça e anuncia a revolução. A de Cristo, é a do Amor. Sim, aquele que é mais do que simples sentimento. Ele é uma atitude que motiva a abraçar a Cruz, a ir ao encontro das vítimas que o mundo pretende eliminar. Eis a ocasião propícia, a história mais eloquente de Amor recomeça, os dias da quaresma terminaram.

Do salão, os Rapazes cantam, com voz activa, como vitoriosos guerreiros, depois da batalha. Falta ainda algum tempo para afinar o tom e suavizar as vozes cantantes... com os ramos na mão e o canto do *Hossana ao Filho de David* nos lábios, fizemos

a nossa procissão desde o cruzeiro da nossa Casa até à capela do Mosteiro Mãe de Deus. Jesus é acolhido de maneira triunfante e, pouco tempo depois, condenado pelos pecados dos homens. O Amor é a força que faz vencer o ódio, a violência, as guerras, as injustiças e os inumeráveis males do mundo. O Evangelho não é coisa do passado. Ele nos descobre a vida de Deus entre os homens. Jesus é peregrino da longa viagem a que o homem está sujeito a percorrer. Ele adverte o que se passa, hoje, entre nós. Como Ele trata os homens e como os homens O tratam. A Paixão começa. Para cantar Aleluia!, é preciso subir, antes, até ao Calvário.

O mundo desconhece esta lógica de viver e recusar-se a aprender a lição do Mestre. Parece ser mais fácil a atitude de Pilatos, de Herodes e dos que, do meio da multidão, O apedrejavam. Os poderosos do mundo, a condenar inocentes ao invés de fazer justiça aos culpados, trazem de volta o sofrimento vivo e personificado de Cristo, nas vítimas que a sociedade teima em fazer. A teimosia, se não for para uma vida virtuosa que procura a felicidade em conformidade com o bem, é pista onde, normalmente, descola e aterra o pecado. Os Rapazes gostam de ser teimosos. Os que andam na adolescência ainda mais do que os outros. Esta é uma nota grave na educação da juventude. Só a força do Amor faz mover o Bem, do discurso para a Acção. A lição vem do Calvário: — Não há Ressurreição sem haver morte, nem triunfo se não houver batalha. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

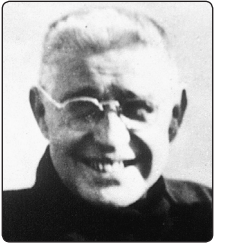
se têm ajoelhado para tirar ervas, temerosos despontam botões floridos, como dos pessegueiros e das ameixoeiras. O profeta Jeremias, na invernía da lama do seu povo, viu *um ramo de amendoeira!*

A Páscoa de Jesus é uma descoberta a fazer em cada dia, colaborando na protecção e no embelezamento do jardim que disfrutamos e em que respiramos. É perfeitamente desnecessário construir grandes celeiros, pois o pão de cada dia nos basta e deveria chegar para todos.

Se andarmos longe do Jardineiro, que não encontramos nas folhas secas dos sepulcros, é de caminhar para horizontes mais seguros, como o pobre caído nas margens e assim reconhecê-lo, dizendo: *Vimos o Senhor!* □

DOUTRINA

Pai Américo



O Decálogo não se discute

ASSIM como da outra vez, também agora se toma a «Nota da Quinzena» para de novo regressar ao assunto da Viela. Viela com letra maiúscula; maiúscula a primeira letra, aqui, mas todas elas o são. Na Viela tudo é grande. Todos quantos lá operam ou cooperam, trabalham em profundidade sem darem conta disso. É o Mal. O mal tomado por necessário à vida. O mal discutido, acreditado e defendido. O mal nas alturas. Daí o soletrar-se com maiúscula a palavra Viela.

Eu vou contar um caso recente que se deu na comunidade de uma das nossas Casas. Uma vez que a Obra da Rua está posta sobre os montes e é pintada de branco, necessário se torna que todos a vejam com as suas qualidades, seus defeitos e seus perigos sociais. Ora aqui vai o que me aconteceu; *me*, a mim. Temos aqui um pronome reflexo; a acção do rapaz, no caso que vou contar, caiu totalmente sobre mim. Mais: caiu dentro de mim. E daqui nasce a espantosa eloquência destas «Notas da Quinzena». É o sentir que dá a eloquência. Sabido é que, quem não escreve comovido, não comove.

ELE era pequenino quando nos veio cá ter. Começou por obrigações domésticas tão pequeninas como ele. Fez a 4.ª classe. Colocou-se no comércio em uma cidade. Trabalhava muito a seu contento e de seus amos. Mais contente do que todos — eu. O rapaz era uma esperança com sólidos fundamentos. Tinha já o seu pecúlio no haver dos nossos livros. Eu sei de muitos homens, hoje comerciantes honestos, que começaram a sua vida assim — porque não este rapaz? Ele era uma esperança com sólidos fundamentos; esperança minha. Eu tinha-me afeito a ele; chamado pelo seu nome tantas e tantas vezes! É tão doce chamar por alguém com intenção recta e generosa! Mais doce ainda ouvir a resposta humilde do por quem chamamos! Eu tinha-me afeito a ele. Vem o dia. O rapaz passa por ali. Porta aberta. Facilidades. Anos verdes. Que sim, que não... Entrou! Foi chamado a capítulo. Quem cala consente. E porque não podemos consentir, muito menos calar. É o bem de todos os nossos que solicita estas atitudes decisivas. Nós não podemos em caso algum colorir o mal. O rapaz disse que sim. Estavam presentes todos os daquela nossa Casa: era um tribunal aberto. Vem a sentença. Ele escuta e declara que a não cumpre. Determina governar-se pelos seus próprios meios e foi-se embora. Nunca mais o vi. Anda por lá outra vez!

NUM instante se desmorona o que com tanto carinho se havia construído! É o mal tolerado, protegido, regulamentado. Sabemos que as chamadas leis não querem de maneira nenhuma atingir estes fins, mas provocam-no. São responsáveis. A ocasião faz o ladrão. A este hão-de necessariamente seguir-se mais casos. Mesmo que outros dos nossos saibam este rapaz perdido, hão-de querer tentar os mesmos caminhos, só pelo gosto de verem como a vida é. As experiências não se transmitem; são do indivíduo. Muitos dos nossos, digo, hão-de pregar com estes seus feitos um Mal que compromete a vida e escapa à atenção dos homens. Pior; apresenta-se como um bem! São assim as leis que os homens fazem, que discutem com parágrafos e alíneas e o mais que diz respeito à sua ignorância. Ora o Decálogo não se discute. Quem o cumpre e ensina, é grande. Quem finge ignorá-lo, é mínimo. Grande ou mínimo, no sentido moral e eterno! Sim; muitos dos nossos se hão-de perder; eu e os meus sucessores havemos de ser testemunhas dolorosas. Nós não despedimos ninguém, já se vê, mas não lhes podemos dar todas as licenças. Se eles as tomam, têm de aceitar o castigo. Se o não fazem, riscam-se, por isso mesmo, da casa paterna e vão-se embora com a sua herança — e que herança! É a sanção. Mas então, faliu a Obra da Rua? Não senhor. Ela assenta sobre verdades eternas. Então quê? São os *mínimos*. São eles mai-los seus princípios de salvação pública; a preocupação do Efémero!

COLOCADA como está, dizia eu, sobre os montes, queria que todos vissem os perigos da Obra e me ajudassem. Que vissem e compreendessem este perigo. Influência, palavra, autoridade, poder, simpatia, aflição; todos não somos demais. Que eu já tive uma ajuda heróica, extraordinária: aqui há tempos, um rapaz passa e entra. Mal o faz, alguém de dentro coloca-lhe as mãos sobre os ombros e impera maternalmente: «Oh! meu filho, vai-te embora!» E vem acompanhá-lo até à porta de saída. Chama-lhes o mundo perdidas. Mulheres perdidas! Eu cá digo que não. Muito há-de o nosso Bom Deus perdoar a quem tanto sabe amar! «Vai-te embora, meu filho!» É uma tutela natural; nasce-lhe no coração. Por se tratar de um menor, aquela mulher heróica, talhada para ser mãe, defende, grita, aflige-se, quer-lhe como se fora seu filho. A perdida a dar lições! O mundo tem vergonha; sente-se diminuído de aprender dos a quem perde e não escuta!

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

doutorados se identificam com anéis de ouro, como hão-de vencer o acanhamento de visitar e sofrer com os Pobres? Como? Eles estudam e aprendem um Evangelho que não é firme. O Evangelho incontestável cheira sempre a Pobres. Não é teoria. É sobretudo vida e prática. O cheiro dos Pobres só o descobre quem anda por lá!

Viva o Papa Francisco! □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Março, 40.775 exemplares

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O *Património* de hoje é um choro sem fim.

Duas mães vieram ter comigo, com cartas do Centro paroquial, a ameaçá-las de pôr na rua os seus filhos, se não pagassem o que deviam, até 25 de Março.

Naturalmente, os centros paroquiais não vivem do ar e precisam de dinheiro para pagar os salários, a comida, a água, a luz, o aquecimento das salas, etc., etc.. Mais, também os pais devem ser responsabilizados pelas necessidades dos filhos, como é lógico.

É mais fácil e mais cómodo fazer uma carta tipo e enviá-la aos pais do que visitá-los, falar com eles e examinar as reais possibilidades económicas de cada um. É tudo uma questão de amor pelos Pobres.

Quem quer, vai; quem não quer, manda.

Não sei se haverá muitas instituições, mesmo laicas, a envenderem por processos tão frios.

Um Pároco tem sempre possibilidades de visitar estas famílias, mais empobrecidas, e falar delas ao Povo, nas suas homilias, onde celebra, com este, o Mistério Eucarístico. Se já tiver dado algo do que é seu, adquirirá autoridade para pedir ao seu Povo mais sacrifícios. Privar uma criança da Escola!... Só porque os seus pais não pagam, nunca! As crianças não têm culpa nenhuma! E não podem ser elas as vítimas.

Um casal estrangeiro com duas meninas, uma de três anos, esperara por mim horas e horas! — É a força da esperança. — Traziam

na sua boca palavras de rasgados elogios à minha acção. Tudo relativizo e procuro interpretar rectamente.

Já sem água, sem luz, imploravam o pagamento das rendas de casa e a prestação ao Centro Paroquial de 114,50€!

Com esta gente simples, pergunto sempre se já foram ter com o Pároco e o que é que ele lhes respondeu. Que falara com vários Padres, mas com o seu Pároco não. Ele não pode receber: — *Vá ter com ele no fim da Missa. Moram tão pertinho da igreja. Vejam se o apanham.*

As pessoas sentem-se perdidas, mais, ainda, os estrangeiros! Sem água, sem luz, sem trabalho e sem dinheiro é uma angústia de morte.

A senhora desfazia-se em lágrimas. O homem olhava-a e para as filhas, sem dizer palavra. Com um cheque endossado ao Centro paguei-lhes a dívida, para que a menina tivesse o amparo da Escola, mas eles queriam também a ligação da água e da luz mais a renda da casa. Quem me dera acudir a todos, mas é impossível, sem mobilizarmos a Comunidade cristã, e isso pertence ao Pároco.

Fiquei a aguardar algumas notícias e a resposta do tal Prior.

Outra, trazia um documento a elucidar a dívida de 826,50€. Tinham passado meses e meses sem qualquer pagamento. Já não me lembrava que, há mais de um ano, tinha visitado a penúria desta mulher e, vendo a necessidade da criança, saldei vários

meses comprometendo-me a continuar a assumir os encargos com o Centro, mas esqueci-me completamente.

Agora que fazer? É muito dinheiro. Resolvi dividir a soma ao meio, endossar o cheque ao Centro, implorar à pobre mãe que pedisse clemência aos responsáveis do Centro: — *Resolva lá isso com o Padre fulano que eu não posso mais.*

Todos os dias e a toda a hora somos invadidos por um sem número de pessoas a pedir — e os dramas apresentam-se cada vez mais dolorosos.

As crianças vêm sempre com as mães. Não frequentam a Escola? Algumas não. Não se matricularam e nunca lá puseram os pés. Parece impossível, mas é o que eu vejo.

Uma mulher nova, de cara anémica, com uma filha ao colo, expunha-me a sua situação: Viveu em Espanha acompanhada de um homem com quem gerou três crianças. Ele batia-lhe muito, ela fugiu com os filhos para a casa de uma amiga, na Bela Vista. Agora, esta, não pagou a renda da casa e vão para a rua!

Muito chorou esta pobre, mas eu já não tinha dinheiro nenhum para dar. Não acreditou. Os aflitos acham sempre que o azeite da almotolia não se esgota e daí a insistência: — *Tenha pena de mim. Tenha pena dos meus filhos!*... Isto, repetido dúzias de vezes, tritura-me a alma, esmaga-me o ânimo e eu não tenho outra saída senão chorar. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

HOJE, Domingo é de Ramos. Fomos vivê-lo na Massaca, como há vinte e dois anos fazemos. Muita gente, como naquele tempo em Jerusalém. Uns só para ver, muitos, em medida diferente, para participar. Vem a leitura própria da entrada de Jesus na cidade. Ele sentado num burrinho. Não sei porquê deu-me para falar do burrinho. Aqui chegámos com Jesus sentado num burrinho e o burrinho éramos nós. Foi assim que ele chegou à Massaca. Transpus todo o panorama social para o nosso tempo. A colonização actual, os poderes instituídos, o povo na expectativa a acorrer ao barulho e Jesus montado num burrinho, hoje. Uns a virar-lhe as costas — os interesseiros pelo poder deste mundo. Outros a odiá-lo por constituir um desestabilizador perigoso — os ricos cegos pelo dinheiro. Os discípulos, meio tontos, com a exaltação do seu Mestre, iam na onda e as ondas tornaram-se medonhas para a Igreja. As Crianças aos gritos, porque era o seu Amigo que ia ali, o que pegava nelas ao colo e as beijava, como acontece ao chegar ou sair das Creches. Foi certamente um delírio para muitos, mas para outros um ranger de dentes. Com a confusão generalizada, Jesus escondeu-se, até que chegasse a sua verdadeira hora. Também nos apetece esconder.

Vivemos dentro duma confusão generalizada. Não me refiro a Portugal onde a desordem é para matar. A situação social, em particular à nossa volta, onde o burrinho segue o seu caminho, encantando a uns e confundindo a outros, dum lado e doutro a insatisfação. Sempre que precisamos de ajuda pontual, para limpeza da periferia da fazenda, para evitar a entrada de fogos, duma sacha na horta ou nalguma plantação, alguns dos nossos trabalhadores vão ao encontro das mães e cada um traz o seu grupo. Por vezes muito numeroso. Mais de trezentas, nesta passada semana. No final há entrega de géneros ou dinheiro, conforme a situação da Casa. Desta feita havia muitas caixas de leite, prestes a expirar o prazo. Houve queixas de que os homens só convidavam amantes ou as mulheres mais apeteceíveis, que não as deixavam sair, senão todas juntas, quando algumas saíam de casa à uma da manhã para o trabalho e por isso julgavam-se escravizadas a eles. Mais outros e outras, hoje já acomodadas no aparelho do Estado, que promovemos durante muitos anos, até que completassem a licenciatura, a quem por vezes pedimos o desempenho de tarefas a bem da Comunidade a que pertencem, vêm-nos exigir o que nem está ao nosso alcance. Os nossos próprios rapazes em estudo fora, e morando na cidade, que ao fim de semana eram assíduos à sua Casa, onde lhes pedíamos tarefas de ajuda aos mais novos, porque tivemos de reduzir os apoios, deixaram de aparecer e nem telefonam. O burrinho está bem carregado e segue o seu caminho aos encontrões, não por hábito, que os burros aprendem, mas por devoção.

Já estamos chegados à Páscoa. O burrinho já está preso à argola, pelo pescoço. Depois de tantos encontrões descontrolados nem podemos respirar. As necessidades atormentam-nos.. Apetece-nos dizer: Pai perdoa-nos, porque não sabemos o que fazer! □

BENGUELA

Padre Manuel António

ESTOU a escrever na proximidade da Festa da Páscoa. Quem dera seja para toda a humanidade a maior festa da vida nova! A pedra do túmulo foi removida com a Ressurreição de Jesus. Há, porém, uma multidão de pessoas, no nosso mundo, mais longe ou mais perto, que estão sepultadas, cobertas com os pedregulhos da miséria, da fome, da pobreza extrema, do abandono. Vamos ajudá-las a ressuscitar? Como? Não pode viver cada um para si mesmo. É necessário entregar-se ao serviço dos irmãos, os homens todos do mundo. Será uma utopia? Não. Começemos por fazer todo o bem que pudermos. A vontade decidida e concreta de construir um mundo melhor, a partir do ambiente em que vivemos, é o segredo do milagre da Ressurreição. Todo o esforço, qualquer que seja, em favor dos demais, aparece como uma semente. Maravilha! Porém, temos de dar tudo o que podemos, da nossa parte. Vamos aceitar esta proposta, neste tempo único que nos é dado viver, ao longo do ano?

Mais duma centena e meia de famílias, com seus filhos, terão, na véspera da Páscoa, as pedras removidas dos seus túmulos. Queremos ser grãos de trigo que morrem para dar muito fruto. Queremos unir as nossas vidas às vossas para que o fruto seja mais abundante. Quem dá por amor voltará a encontrar. São verdades que só a experiência nos ajudará a entendê-las. Veio, há momentos, aquela mulher, prostrada e sem esperança, porque o pai dos seus filhos abandonou-a e nada tem para viver. Verdadeiramente sepultada, recebeu uma injeção de vida nova e foi para sua casa. Vamos continuar a ajudá-la. A empresa de elevar a dignidade humana deve ser uma preocupação de cada um de nós. Através das nossas obras e não apenas palavras.

Estamos a gozar da alegria dum grupo de empresas, de índole internacional, que, neste momento, fazem testes de capacidade profissional a um grupo dos rapazes mais velhos, em ordem a colocá-los ao seu serviço. É a resposta mais adequada a um

problema muito grave que affige a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Já temos falado no grupo numeroso de rapazes que estão na idade de entrar na sua vida autónoma, fora da Casa do Gaiato. O problema maior tem sido a falta de emprego, sem o qual não é possível a autonomia com o mínimo de dignidade. Temos feito correr a notícia desta necessidade urgente. A resposta está a chegar, para satisfação comum. Espero que os casos mais urgentes sejam atendidos. Não há dúvida de que ajudas de muito valor, da parte das empresas, não são, apenas financeiras, mas os empregos para os rapazes preparados. É, sem dúvida, um belo e riquíssimo foliar da Páscoa. Quero partilhar convosco estes pedaços da nossa vida, porque sois parte da família com o coração e braços estendidos para nos ajudar. Esta ajuda humana, prestada por empresas deste género, é dum valor incalculável. Há momentos, veio mais um pedido para acolhermos uma criança abandonada, em risco muito sério de se perder. Não foi possível dizer, sim. Esperamos, em breve, poder fazê-lo.

Um acontecimento que nos

PENSAMENTO

Pai Américo

O gaiato assalta em plena rua, na sua indumentária inconfundível e gracioso desalinho. Traz no aspecto a miséria do lar, o desleixo da mãe, a história da vida de que ele ainda não deu fé. Afirma à luz do sol o princípio da geração espontânea, muito questionado em nossos tempos, com o seu franco e inocente «eu não tenho pai»; e de bracitos estendidos, olhos faiscantes, lança a súplica irresistível do «deixe-me ir também» — e vai mesmo.

in *Pão dos Pobres*, 2.º Vol.

trouxe muita alegria foi o aniversário do Porto do Lobito. É um empreendimento de importância capital nesta zona de Angola. Celebrou 85 anos de vida. Quis partilhar, também, connosco a festa do seu aniversário. Foi uma verdadeira manifestação de amor familiar. Um grupo de responsáveis da Empresa pública estiveram em nossa Casa e trouxeram-nos alguns sacos de arroz, açúcar, fuba, óleo, leite, sabão, feijão e roupa diversa. Estávamos à procura de dinheiro para comprar estes géneros para nossa alimentação. O Porto do Lobito deu-nos este foliar da Páscoa. Foi um modo muito sublime de celebrar

o seu aniversário com um acto de amor. Por isso, a alegria foi maior e mais verdadeira, porque veio do coração.

Há dias, houve a reunião, em nossa Casa, dos Directores das escolas católicas da região. Estes encontros são uma oportunidade muito rica para marcar o papel importantíssimo da escola e dos responsáveis na educação dos filhos. É necessário um coração de pai e de mãe para um professor e professora. Nova reunião, a nível de Angola, está agendada. Votos de Páscoa cheia de alegria e de paz, com um beijo dos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela. □

